



SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)


# Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 29 de janeiro de 2012

A CRITICA sim & não .....	1
OPINIÃO	
A CRITICA Novos e velhos perigos .....	2
ECONOMIA	
A CRITICA Novos e velhos perigos (continuação) .....	3
ECONOMIA	
A CRITICA Pintura industrial .....	4
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Contexto .....	5
OPINIÃO	
AMAZONAS EM TEMPO Exportação prejudicada .....	6
PAÍS	
AMAZONAS EM TEMPO Industrialização e mercado.....	7
ESPECIAL	
AMAZONAS EM TEMPO Industrialização e mercado (continuação) .....	8
ESPECIAL	
AMAZONAS EM TEMPO Industrialização e mercado (continuação) .....	9
ESPECIAL	
AMAZONAS EM TEMPO Nova geração de fibras.....	10
ESPECIAL	
AMAZONAS EM TEMPO Nova geração de fibras (continuação) .....	11
ESPECIAL	

### sim & não

 Ainda alimentando a possibilidade de assumir a presidência do Banco da Amazônia, o presidente da Afeam, Pedro Falabella, tem comentado que, se chegar ao cargo, quer trabalhar em dobradinha com a Zona Franca de Manaus.

## Novos e velhos perigos

Investimento de Eike Batista no RJ e riscos da Lei de Informática vêm assombrando a Zona Franca.

**JOUBERT LIMA**

joubert@acritica.com.br

Entre os tantos projetos nos planos do empresário Eike Batista está a instalação de uma fábrica de telas de LED no Rio de Janeiro. Como a tecnologia para telas pequenas ou grandes é a mesma, se a fábrica carioca produzir telas para TVs - na visão de alguns analistas - poderá anular a competitividade da Zona Franca de Manaus na fabricação de televisores.

As telas correspondem a cerca de 70% do custo das matérias-primas necessárias à produção das TVs de telas finas. Atualmente, os dispositivos de cristal líquido são importados, principalmente da China.

Não é à toa que 21% de toda a importação do Amazonas em 2011 foi de componentes para TVs, onde as telas figuram como principal insumo. Uma fábrica de grande porte fornecendo esse componente no Sudeste tornará mais vantajosa a produção de televisores com telas de LED naquela região, mesmo sem o apoio de incentivos fiscais. Essa é a avaliação do professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manuel Cardoso.

"Do ponto de vista logístico, não fará sentido produzir na Zona Franca. Não há diferença fiscal que torne a operação competitiva", pondera.

O vice-presidente de Novos Negócios da Samsung para a América Latina, Benjamin Sicsu, discorda. Ele afirma que a disponibilidade de um fornecedor de telas no Brasil não causaria debandada na Zona Franca. "Se houvesse um fornecedor de painéis no

País e as fábricas fossem obrigadas a adquirir esses painéis (por modificação no PPP), o impacto seria maior para o Caixa do Governo do Estado. Isso porque, quando os painéis entrassem na ZFM, teriam que receber crédito tributário de 7%", explica.

Na visão do executivo, a isenção de IPI para TVs produzidas no PIM continuaria tornando mais vantajosa a produção em Manaus.

Para Manuel Cardoso, não se pode ser contra o investimento, mas o ideal é que ele seja feito na Zona Franca, onde já existe um polo consolidado de televisores. Para isso, o momento de agir é agora. "Nesse momento, é importante que haja movimentação política para que se busque nesse mesmo investidor a sensibilização para que o investimento seja feito em Manaus", disse o cientista.

### CONVERGÊNCIA DIGITAL

Se há divergência quanto aos impactos que a fábrica de Eike Batista possa causar na ZFM, o mesmo não ocorre com relação aos efeitos da possível inclusão das smart TVs na lista de bens de informática. A última edição da Consumer Electronics Show (CES), em Las Vegas mostrou de forma contundente que a convergência digital - acúmulo de mídias em um só aparelho - já é uma realidade (veja à esquerda).

Se o governo brasileiro considerar as novas smart TVs como bens de informática, estará garantida a concessão de incentivos fiscais para produção em qualquer Estado, liquidando o setor na Zona Franca.

As smart TVs mostradas na CES dispensam o controle remoto, reconhecem rostos, voz e movimentos, conectam-se à Internet com todas as funcionalidades de um computador. Manter esses produtos fora da lista de bens de informática será uma tarefa que vai exigir imediata desmontagem das lideranças políticas e empresariais do Estado.

## Novos e velhos perigos (continuação)

### É muita falta de Ginga



A Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletrô) mantém a disposição de ir à Justiça contra o Governo Federal caso seja mantido o prazo para que 40% dos televisores de tela fina fabricados no País sejam equipados com o Ginga, software que vai garantir a interatividade na TV digital. O prazo atual é junho. A entidade defende a prorrogação do prazo para outubro e a redução da margem inicial para 10% dos televisores. O argumento dos fabricantes é simples: o software não funciona. O teste de validação só

será realizado em setembro, inviabilizando sua instalação nos aparelhos já em junho.

O professor Manuel Cardoso, da Ufam, vê outros problemas. Pela proposta em vigor, os consumidores não terão o direito de escolher se querem ou não a interatividade em seus televisores. Com o Ginga instalado, todos terão que pagar pelo menos 7% a mais no aparelho.

“Não concordo que me obriguem a comprar o que eu não quero. E, se eu quiser comprar, quero ter certeza de que esse produto atende as especificações definidas através de estudos custeados com dinheiro público. Quero que os procedimentos de homologação desse software sejam transparentes antes que as empresas tenham a obrigatoriedade de usá-lo e os consumidores não tenham ou-

tra alternativa senão comprá-lo”, argumenta.

O Ginga é um middleware, um programa que permite a execução de outros aplicativos. Ele foi especificado para permitir a interatividade na TV digital brasileira pela PUC-RJ, Universidade Federal da Paraíba e USP. As instituições descreveram o padrão do software para que futuramente, as emissoras possam permitir que o telespectador interaja com a programação, aproveitando recursos possíveis com a TV digital.

Para Cardoso, é um avanço importante o fato de ter um padrão brasileiro, o que protege a indústria nacional da massificação das TVs em nível mundial. O padrão não deve, porém, ser imposto de qualquer forma ao consumidor.



## Pintura industrial

### B | Breves:

#### Tecnologias italianas em destaque

Tecnologias inovadoras da Itália na área de pintura industrial com o apelo da redução de custos, resíduos e de tempo de produção foram apresentadas para industriais do Amazonas na última quinta-feira, na sede da Suframa. A iniciativa partiu da parceria entre a Associação Italiana das Empresas de Pinturas Industriais (Anver) e a Promos - Empresa Especial da Câmara de Comércio de Milão.

INFORMAÇÃO: WWW.SUFRAMA.GOV.BR



#### comércio exterior

#### Estudantes alemães conhecem a ZFM

Um grupo de 60 alunos do curso de Comércio Exterior e Administração da Universidade de Ciências Aplicadas de Zurich, na Alemanha, participaram de uma palestra no auditório Floriano Pacheco, na sede da Suframa na última quinta-feira para conhecer o modelo ZFM. Ministrada pela Coordenadora Geral de Estudos Econômicos e Empresariais da autarquia, Ana Souza, a palestra abordou o processo de evolução ao longo dos 45 anos do modelo, os incentivos fiscais concedidos às empresas que se instalam no Polo Industrial de Manaus (PIM).



#### Prodam

#### Sistema Chronos é case de sucesso

O Sistema Integrado de Gestão de Projetos (Chronos), desenvolvido pela Prodam - Processamento de Dados S/A - já deu suporte para execução de 68 projetos de telecomunicação e Tecnologia da Informação (TI) em diversas áreas da administração pública. Atualmente, a plataforma está dando suporte à execução de outros 63 projetos que deverão otimizar ou ampliar os serviços disponíveis à população. O Chronos foi desenvolvido para auxiliar no gerenciamento de projetos das áreas de TI e Telecom e pode ser customizado para qualquer segmento.

*"O Brasil tem sido muito importante para a Nokia. Temos orgulho em sermos referência quando as pessoas procuram pelo melhor celular para elas"*

**ALMIR LUIZ MARCIZO**  
Presidente da Nokia, comemorando a marca de marca de 1,5 bilhão de modelos S40 produzidos no mundo



## Contexto

### **NOMEAÇÕES**

Deve acontecer nesta semana a nomeação dos quatro superintendentes adjuntos da Suframa. O titular da autarquia, Thomaz Nogueira, informou, no entanto, que as escolhas serão anunciadas daqui a 15 dias e não serão grandes mudanças. Nos bastidores, sabe-se que Nogueira quer agilizar as trocas.

## Exportação prejudicada

**S**e as exportações de "commodities" brasileiras brilharam e turbinaram as contas externas do país desde 2000, a infraestrutura logística está longe de ter acompanhado o mesmo ritmo. Manteve-se cara e ineficiente. Nesse período, o país aumentou em 384% a quantidade de toneladas que circulam e congestionam as rodovias, ferrovias e hidrovias em direção ao exterior. Mas o número de rodovias asfaltadas aumentou apenas 18% no período, enquanto as linhas de trem cresceram só 500 quilômetros.

O país vem operando "no limite da gambiarra", segundo o diretor da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), Bernardo Figueiredo. "O país está diante da possibilidade de um apagão logístico. Mas a logística não pode ser vista só pela lógica da obra e sim pelo desempenho do transporte. Não se resolve o problema logístico transigindo com a boa forma de fazer. Chegamos ao limite da gambiarra", disse ele.

Dados inéditos mostram que os fretes cobrados pelas concessionárias de trens estão R\$ 600 milhões acima do teto que a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) considera razoável, segundo a proposta a revisão tarifária que está em consulta pública.



O país aumentou em 384% a quantidade de toneladas que circulam e congestionam as rodovias, ferrovias e hidrovias em direção aos portos internacionais

## Infraestrutura sem tecnologia

Hoje, um trem leva 88,41 horas do Alto Araguaia até Santos. Mas cada vagão leva em média 28,9 horas no porto para descarregar. Sem o ferroanel em São Paulo, os trens precisam diminuir a velocidade de 30 a 40 quilômetros por hora para 5 quilômetros por hora. Levam um dia para

atravessar a capital paulista, em vez de contorná-la.

A falta de concorrência no transporte ferroviário é o principal problema do setor, segundo técnicos do governo. O fato de as malhas de trem disponíveis no país estarem concentradas na mão de poucas empresas contribui

para aumentar a burocracia e deixar os custos elevados para exportadores. Um exemplo do efeito nefasto da concentração é que as concessionárias fazem de tudo para evitar que concorrentes utilizem seus trilhos. Em Santos, a MRS detém o acesso até o porto, mas a ALL é responsável pela linha

lá dentro. A Vale — dona das malhas Vitória-Minas Gerais, Centro Atlântica, Carajás e sócia da concessionária MRS — por exemplo, terá que reduzir em 69% sua tarifa em Carajás. Para o presidente da Associação dos Usuários de Trens de Carga (Anut), José Baldez, as concessionárias

se apropriaram dos ganhos de produtividade do país nos últimos 15 anos, ao pressionar o "custo-Brasil".

Não há trens suficientes até os terminais do porto de Santos, diz o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro.



### Industrialização e mercado

Produtores no Amazonas reclamam da concorrência desleal dos mercados indianos. Governo do Estado incentiva indústria de confecção de sacarias que exportam para Ásia e Europa

**A**pós o trabalho manual nas várzeas, a fibra extraída da juta e malva ingressa no processo de industrialização. Na Cooperativa de Jucicultores, Pescadores, Produtores e Extrativistas do Amazonas (Cooperfibra), em Manacapuru, cerca de 250 funcionários lidam com aproximadamente 80 máquinas Mackie, vindas de Belfast, Irlanda, na Europa. Antes de a fibra adentrar as máquinas para se transformar em fios, passa pelo processo de classificação, administrado por Gilberto de Souza Lima, 52, gerente de produção.

Segundo ele, 10 mil sacos são produzidos por dia. Para chegar a esse número, a fibra passa por inúmeras máquinas que amaciam, penteiam e distribuem os fios em copos, até ficar na forma de bobina, cujo peso é de 6 quilos, cada. Depois, os fios são engomados para seguir à tecelagem, corte e finalizar na costura. Após a embalagem dos sacos, a carga segue com destino à Região Sudeste do país. De acordo com o indicativo de produtores e cooperativas, a safra anual da juta é de 12 mil toneladas. Desse total, 10 mil toneladas são utilizadas no mercado interno. De toda juta produzida, 50% dos fios viram sacos de café, 27% sacos de batata, 6%

se dividem em sacos menores e o restante é utilizado no setor da construção civil, decoração e artesanato.

No auge da produção de juta no Amazonas, o Estado chegou a produzir 90 mil toneladas ao ano, segundo dados da Produção Agrícola Municipal de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar de ter atingido R\$ 572 milhões no ano passado, a participação amazonense corresponde a apenas 0,37% da produção nacional. A juta (97%), a malva (87%) e o guaraná (19%) são os produtos agrícolas amazonenses que mais se destacam na produção nacional. Somados, o resultado é 7,6% maior em relação a 2009 – e pouco abaixo da média nacional de 8,9%.

Para desestabilizar indicadores desfavoráveis e reduzir as importações brasileiras do produto da Índia, que vem assolando o mercado de fibra no Brasil, cooperativistas e produtores de Manacapuru, principal polo de produção de fibra do país, o governo do Amazonas viabiliza junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o estabelecimento de barreiras para impedir a importação.

## Industrialização e mercado (continuação)

# Importações geram prejuízos

O titular da Secretaria de Estado da Produção Rural (Sepror), Eron Bezerra, realça o posicionamento, enfatizando que importação não gera nenhum posto de trabalho e que ainda pode suscitar um colapso na cadeia produtiva de fibra no país. “O Brasil não é autossuficiente nesse mercado, produz apenas para suprir a demanda. A importação não é o problema, o que está prejudicando os produtores é a importação de sacaria.

As empresas que exportam o café estão comprando o saco já pronto”, argumenta Bezerra. Sobre a subvenção econômica de R\$ 0,20, concedido como incentivo aos produtores pelo quilo da fibra, o secretário informa que a questão está sendo definida pelo governo do Estado. Ainda não há uma definição se os aportes de recursos irão permanecer ou se terão um acréscimo. Para Eron Bezerra, a política do preço mínimo

seria a fórmula ideal a ser empregada no incentivo ao produtor. “Calcula-se o custo da produção – semente, manutenção da área, coleta e horas de campo – e sobre ela, aplica-se a porcentagem na rentabilidade, com isso o produtor não terá problemas financeiros com financiadores e atravessadores, que são os maiores beneficiados com a subvenção, deixando o produtor em risco”, explica o titular da Sepror.



## Industrialização e mercado (continuação)

### Reflexos da fuga de capital

Segundo dados repassados pelo gerente da Cooperfibra, Osmar Façanha de Sá, as empresas indianas exportam para o Brasil, oito mil toneladas de fibra, o equivalente a 14,8 milhões de sacos, que resultaram em quase R\$ 60 milhões. "É um valor exorbitante e que deveria aumentar a receita do Estado, fora os empregos que deixaram de ser gerados", comentou o gerente. O reflexo da importação da Índia fez com que 900 mil sacos produzidos pela Cooperfibra ficassem estocados na fábrica. De acordo com o gerente, no mesmo período do ano passado, apenas 80 toneladas de fibra ocupavam as dependências do local.

Hoje, a fábrica mantém um estoque de 900 mil sacos que deixaram de ser vendidos em razão do reflexo. "A Índia não produz

malva, apenas juta, sendo que a produção engloba alta tecnologia e por ano saem três safras, enquanto que em nossa região é produzida uma safra, quando deveria pelo menos, produzirmos duas ao ano, em razão da facilidade de se cultivar a malva", completa Osmar.

Apesar de ainda não haver uma tabela de preço e subvenção definida para o quilo da juta e da malva, os produtores deram início à colheita e, no próximo mês, os galpões das cooperativas irão ficar abarrotados de fibra. A presidente da Coomapem, Eliana Medeiros, informou que foram distribuídos no início do segundo semestre do ano passado, quando começa a semeadura, 30 toneladas de sementes, compradas pela cooperativa a R\$ 11, o quilo.

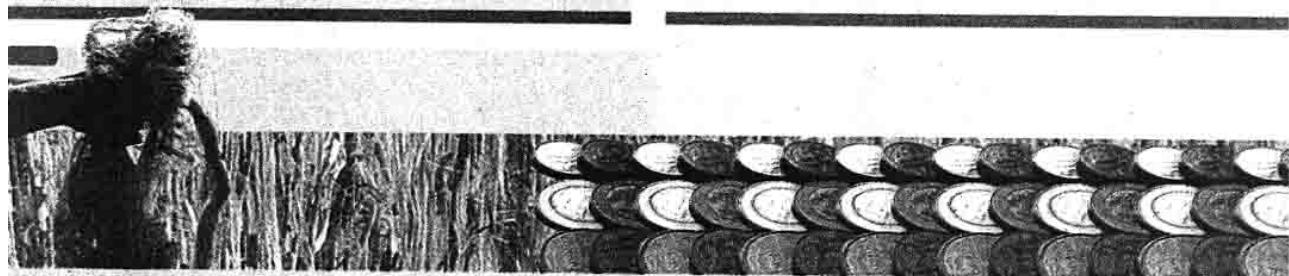
### Subvenção na economia

A presidente da Cooperativa, Eliana Medeiros, enfatiza que a cultura da juta e da malva é uma atividade produtiva e importante para a economia da Amazônia, condicionada ao ciclo das águas que fertilizam a várzea onde as matérias-primas são cultivadas. Para fortalecer a cadeia produtiva da fibra, cujo preço gira em torno de R\$ 2,40, o quilo, o Estado entra com a contrapartida de R\$ 0,20, por quilo, como subvenção econômica. Antes do incentivo do governo, o preço por quilo deixava as mãos do produtor por R\$ 0,68.

A dirigente explica que a subvenção por meio do estímulo estadual, está aliada ao Programa de Incentivo à Produção de Juta e Malva, que tem ainda como parceiros, entidades estaduais e

federais, ligadas ao setor.

O gerente da Cooperfibra, Osmar Façanha de Sá, lembra que o apoio à produção de juta e malva teve início a partir de 2003, quando a Secretaria de Estado Produção Rural (Sepror) iniciou um processo de distribuição sistemática de sementes de juta e malva. Por meio dessa medida, os produtores passaram a receber sementes de boa qualidade, na medida necessária e em tempo hábil. Esse mecanismo, aliado a outras medidas, passou a funcionar como um instrumento desestruturador da cadeia de intermediação. "Faltava uma medida que lhes assegurasse o pagamento de um preço justo e a garantia de mercado para a produção de fibras", completou o gerente da Cooperfibra.



## Incentivo à produção de juta e malva

Pagamento de subvenção econômica

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Municípios beneficiários	11	12	16	13	13	14	14
Famílias beneficiárias	1.455	2.500	2.800	2.620	2.620	2.700	2.800
Fibras subvencionadas (t)	6.052	7.834	12.530	7.230	5.600	7.500	8.800
Valor da subvenção (R\$)	1,2 milhão	1,5 mi	2,5 mi	1,4 mi	1,12 mi	1,5 mi	1,6 mi
Preço da fibra/tipos 1 e 2 (R\$)	1,20	1,35	1,40	1,40	1,40	2,25	2,25

## Nova geração de fibras

**E**ntusiasmada com o resultado da produção de uma nova fibra, o "curauá" (*Ananas erectifolius*), que vem sendo produzida em Santarém (Oeste do Pará), a dirigente da Coomape, Eliana Medeiro, revelou que a Cooperativa deu início aos diálogos junto ao Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA) e à Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) para que o projeto se torne uma alternativa de geração de emprego também no Amazonas. Em Santarém, o quilo chega a custar R\$ 6.

O experimento da planta, uma espécie de bromélia da família do abacaxi, em solo amazônico vem sendo gerido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Amazônia Ocidental e Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (Idam), no município de Manacapuru. Segundo o pesquisador Juan Revilla Cardenas, doutor em Ciências Biológicas e chefe da Área Botânica Econômica do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), o curauá, depois de processado, é usado na indústria de colchões, calçados e principalmente no setor automobilístico, no acabamento interno dos carros.

### Pesquisas

Ainda de acordo com Juan, o produto também está sendo introduzido no setor têxtil, na fabricação de tecido em composição com o plástico injetável em substituição à fibra de vidro. A pesquisa com o curauá também vem sendo desenvolvida pelo Centro de Treinamento dos Produtores Rurais, localizado na comunidade Ilha do Barroso, no município de Manaquiri, a 60 quilômetros ao sul de Manaus, onde existem mais de mil mudas.

A iniciativa conta com o apoio do Inpa e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-AM). "Essa atividade soa como alternativa para geração de emprego e renda as comunidades do interior do Amazonas, com intuito de preservar a floresta amazônica", comentou Juan Revilla.

## Samaúma, a árvore-mãe da floresta

A samaúma (*Ceiba pentandra*), além de ser conhecida na mitologia indígena como a "árvore da vida", ou "escada do céu", também é admirada pela fibra obtida dos seus frutos. Essa árvore imponente, de raízes enormes e tabulares chamadas de sapopemas, produz uma fibra muito fina e sedosa, bastante usada em vestuários, principalmente em blusas e casacos, pois seu material não permite a entrada de calor e frio. "Ela deixa uma temperatura bastante agradável no corpo", diz Juan.

O pesquisador destaca que, no continente africano, a fibra do fruto da samaúma é bastante utilizada na confecção de roupas. No Amazonas, esse trabalho ainda está em fase de pesquisa. Na orla da Ilha do Barroso, em Manaquiri, existem três mil árvores de *Ceiba pentandra*, que vêm sendo cultivada para que atinjam a altura de 6 metros, o que facilita a coleta dos frutos.

A altura natural de uma samaumeira fica entre 40 e 60 metros. Juan enfatiza que as pesquisas estão sendo positivas e que a espécie poderá ser trabalhada no futuro para gerar renda e fortalecer a economia do Estado.

**em**  
tempo  
online

VEJA MAIS FOTOS

COMENTE A MATÉRIA

[www.emtempo.com.br](http://www.emtempo.com.br)



## Nova geração de fibras (continuação)

### Experimento com a munguba

Com a capacidade de germinação em torno de 95%, a munguba (*Pseudobombax munguba*) é também uma alternativa para a confecção de bonecos, travesseiros, almofadas e colchões, além de o seu fruto ser incorporado na alimentação por meio da produção da paçoca e de outros alimentos. Uma das vantagens dessa fibra é que em menos de cinco anos ela chega a produzir cerca de 200 frutos em cada árvore, em áreas de várzea.

Segundo o pesquisador do Inpa, Juan Revilla, que também é especialista em Inventário Florístico e Fitomassa pelo Instituto Max Plank da Alemanha, o mesmo trabalho que vem sendo desenvolvido com o curauá, na Ilha de Barroso, em Manaquiri, ocorre com a munguba. O projeto con-

ta com 600 mudas de 3 metros de altura. A árvore robusta chega a atingir entre 6 metros e 10 metros de altura. Revilla conta que, durante os testes de viabilidade econômica, foi possível coletar mais de 12 mil frutos e obter cerca de 300 quilos de fibras.

Com a matéria-prima, foi possível produzir 300 travesseiros. No entanto, a ideia, segundo Juan, é trabalhar essências de óleos regionais para acompanhar os travesseiros. De acordo com um levantamento feito em feiras de São Paulo, um travesseiro aromático é vendido ao preço médio de R\$ 30. "A fibra da munguba não é perecível e não causa alergia, além de o tempo mínimo de vida útil ser de cinco anos", garante o pesquisador.



Produtor submete a saúde aos riscos da colheita de fibras

### Risco à saúde do produtor

No processo de plantio, após a colheita, que é feita quando o rio começa a subir, inicia-se uma fase extremamente árdua e arriscada. É preciso deixar as hastes da malva e da juta de milho por um período de 15 dias para que amoleçam. Esse processo é conhecido como "maceração". Só depois elas podem ser descortçadas/desfibradas com as mãos.

Desse modo, o produtor precisa ficar durante muitas horas dentro do rio, sujeitando-se ao ataque de araias, cobras, jacarés e outros animais, e vulnerável a doenças como a hepatite, reumatismo e resfriado. Também é possível aparecerem problemas de visão devido à radiação refletida pela água em direção aos olhos do produtor.

Apesar das dificuldades que os produtores de malva

enfrentam, a insalubridade a que estão expostos não impede a produção. Conscientes dos riscos, eles afirmam que os maiores problemas são o valor da

#### PROBLEMAS

**Saúde do produtor é constantemente ameaçada em razão das inúmeras horas que fica mergulhado nos rios para a colheita das fibras, além de se expor ao ataque de jacarés, cobras e araias**

fibra e o transporte para o escoamento da produção, fatores que se encontram estreitamente ligados e que são a marca das relações sociais de produção arraigadas na região amazônica.